

Campeonato de Individualismo

A especulação desenfreada que tomou conta, nos últimos dias, dos mercados do dólar paralelo e do ouro é um sinal inquietante de que, de tentativa em tentativa de se tirar vantagem da delicadíssima situação econômica, o país pode desembocar da noite para o dia na temida hiperinflação.

Desde o preço recorde de 10 de maio, quando o ágio em relação à cotação oficial atingiu 200%, o comportamento do dólar paralelo registrava violentos prejuízos para os especuladores. Sua valorização acumulada até o dia 26, quando o ágio bateu em 100%, foi de apenas 127%, perdendo longe para o dólar oficial, que aumentou 241,7% (em parte impulsionado pela mididesvalorização de 12% no início de julho), e para a inflação e o rendimento acumulado do *overnight* no mesmo período. Em relação a 1º de junho, o *over* acumulado até ontem chegou a 192,4%, descontada a tributação, contra modestos 127,4% do paralelo.

Em termos de custo de oportunidade, quem fez posição em dólar perdeu nada menos do que 22% para aquele que acreditou na remuneração diária dos títulos do Tesouro Nacional. É até compreensível que os cambistas tenham aproveitado a súbita disparada da inflação na semana passada — quando o patamar de 35% para o índice de preços ao consumidor (IPC) de setembro surpreendeu o próprio governo — para tentar recuperar parte dos prejuízos junto a investidores receosos de que as taxas do *over* já não protejam seu dinheiro da corrosão inflacionária.

A aceleração da inflação em setembro, depois da aparente estabilidade no patamar inferior a 30% em julho e agosto, confirma em parte o receio. Mas as causas que estão levando à escalada dos preços estariam também ligadas à falta de responsabilidade social de muitos agentes econômicos. Uma leitura atenta dos diversos índices de preços levantados pelos institutos de pesquisa há de chegar à conclusão de que os aumentos não respeitam a mínima relação com os custos. Os excessos (e como os há) ficam por conta do espírito de levar vantagem.

Os materiais de construção, por exemplo, têm variado muito acima dos índices de preços. Não se trata tão-somente do efeito da correção de preços que estavam congelados. A fabricação de tijolos exige apenas barro, água e lenha ou óleo combustível para aquecer as caldeiras que irão secar a massa. O movimento ecológico não chegou a provocar altas estapafúrdias na lenha, nem o óleo foi tão aumentado assim para o tijolo passar, de repente, a figurar como um insumo caro na construção.

Mas a alta do tijolo estimulou remarcações de outros materiais. Como a mão-de-obra também encareceu muito com a aplicação de reajustes salariais acumulados, grandes capitalistas constataram que investir em imóveis pode proteger melhor o dinheiro da inflação (medida pelo IPC ou por outros índices) do que o *overnight*. O aquecimento na procura por imóveis acabou fechando, assim, uma cadeia de especulação.

No caso da recente especulação no paralelo — estancada a partir da simples constatação de inverossimilhança dos inúmeros boatos espalhados pelos ágeis especuladores e da venda maciça de ouro por parte do Banco Central —, não se entende apenas por que os ministros da área econômica, que têm autoridade para intervir preventivamente e assim não serem vitimados pelos indicadores de mercado, tenham ficado a reboque dos fatos.

Nossa economia é bem mais forte do que os problemas financeiros do Estado para girar diariamente a dívida pública. A economia real deve prevalecer sobre as especulações com os diversos índices de preços. As dificuldades nacionais só serão superadas com a divisão das responsabilidades entre toda a sociedade brasileira. Não se resolvem da noite para o dia com palpites de economistas ou com a intervenção da Polícia Federal no paralelo, como se fazia ao tempo do ministro Delfim Netto. Do contrário, bastaria legalizar o paralelo, ou criar um canal direto entre esse mercado clandestino e os ministros, para resolver os graves problemas econômicos.